

Métis

História&Cultura

Revista de História da Universidade de Caxias do Sul

v. xx, n. xx, mês./mês. 202x

Fundação Universidade de Caxias do Sul

Presidente:

José Quadros dos Santos

Universidade de Caxias do Sul

Reitor:

Gelson Leonardo Rech

Vice-Reitor:

Asdrubal Falavigna

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:

Everaldo Cescon

Pró-Reitora de Graduação:

Flávia Fernanda Costa

Pró-Reitora de Inovação e Desenvolvimento

Tecnológico:

Neide Pessin

Chefe de Gabinete:

Marcelo Faoro de Abreu

Diretoria de Relações Institucionais:

Givanildo Garlet

Coordenadora da EDUCS:

Simone Côrte Real Barbieri

Conselho Editorial da EDUCS

André Felipe Streck

Alessandra Paula Rech

Alexandre Cortez Fernandes

Cleide Calgaro – Presidente do Conselho

Everaldo Cescon

Francisco Catelli

Guilherme Brambatti Guzzo

Matheus de Mesquita Silveira

Sandro de Castro Pitano

Simone Côrte Real Barbieri

Suzana Maria de Conto

Terciane Ângela Luchese

Thiago de Oliveira Gamba

Comitê Editorial

Alberto Barausse

Università degli Studi del Molise/Itália

Alejandro González-Varas Ibáñez

Universidad de Zaragoza/Espanha

Alexandra Aragão

Universidade de Coimbra/Portugal

Joaquim Pintassilgo

Universidade de Lisboa/Portugal

Jorge Isaac Torres Manrique

Escuela Interdisciplinar de

Derechos Fundamentales

Praeeminentia Iustitia/Peru

Juan Emmerich

Universidad Nacional de La Plata/

Argentina

Ludmilson Abritta Mendes

Universidade Federal de Sergipe/Brasil

Margarita Sgró

Universidad Nacional del Centro/

Argentina

Nathália Cristine Vieceli

Chalmers University of Technology/Suécia

Tristan McCowan

University of London/Inglaterra



Métis

Historia&Cultura

Revista de História da Universidade de Caxias do Sul

© dos organizadores
Revisão: Laura Deves Alves
Editoração e Capa: Igor Rodrigues de Almeida

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS - BICE - Processamento Técnico

M592 Méteis [recurso eletrônico] : história & cultura / Universidade de Caxias do Sul. – Vol. 1, n. 1 (2002) – . – Dados eletrônicos. – Caxias do Sul, RS : EDUCS, 2023- .

Vol. 22, n. 43 (jan./jun. 2023)

Semestral

Modo de acesso: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis>>

ISSN on-line 2236-2762

1. História. 2. Cultura. I. Universidade de Caxias do Sul.

CDU 2. ed.: 94

Índice para o catálogo sistemático:

1. História
2. Cultura

94
008

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Carolina Meirelles Meroni – CRB 10/2187

Direitos reservados a:



EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul
Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bairro Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Telefone/Telefax: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR (54) 3218 2197
Home Page: www.ucs.br – E-mail: educs@ucs.br

Sumário

Apresentação do dossiê “Ensino de História em deslocamentos: experiências, saberes e aprendizagens”

Arnaldo Martin Szlachta Junior, Rosiane Ribeiro Bechler, Wilian Junior Bonete

DOSSIÊ

Temas controversos na aula de História: debates sobre mundos dissonantes

Rafael Monteiro, Alline de Assis Xavier Maia, Helenice Rocha

O grupo “Educação: Holocausto e Direitos Humanos” no Museu do Holocausto de Curitiba: uma proposta de ensino pela via da *autoridade compartilhada*

Ana Heloisa Molina, Helena Ragusa

Orunmilá e alegoria da linguagem: por um ensino de História que reconheça os modos de fazer, saber e ser

Luiz Gustavo Mendel Souza

Vinte anos da lei 10.639/2003: reflexões sobre os avanços, desafios e impasses para implementação nas escolas públicas de Amambai-MS

Manuela Areias Costa, Thaiane Sales Brandão

Saberes em Torno da Reeducação das Relações Étnico-Raciais: Lembranças e Reflexões

Júlio César Virgínio da Costa, Mariane Barbosa da Cruz, Quelle Mariana da Silva Rios

Práticas decoloniais e ensino da História: uma experiência no quilombo ilha de São Vicente

Luziane Laurindo dos Santos, Martha Victor Vieira, Olivia Macedo Miranda de Medeiros

A consciência histórica pode gerar sentidos/posicionamentos contraditórios?

Wilian Carlos Cipriani Barom

Pode o homem desenvolver-se partindo de um nada histórico, apenas de sua natureza biológica e inata?: Karl Jaspers e a consciência histórica responsável

Márcia Elisa Teté Ramos

O que dizem os alunos? A aprendizagem histórica dos jovens estudantes por meio do siriri em vídeos do YouTube

Mariana Destro Marioto, Marcelo Fronza

***Assassin's Creed Odyssey* e as identidades gregas**

Ygor Klain Belchior, Felipe Ermida

Ensino de História e História Antiga: debates e propostas

Alex Aparecido da Costa

Cultura e ideologia nos livros didáticos de História do Brasil no século XIX

Gisafran Nazareno Mora Jucá, Edvaldo Costa Rodrigues

Lugares de (in)visibilidade dos homens negros nos livros didáticos de História: uma breve discussão

Paulo Roberto Souto Maior Júnior, Paulo Dourian Pereira de Carvalho

Ensinar e aprender História na escola: reflexões a partir da categoria experiência

Marcus Bomfim, Octavio Pontes

Não há luz no fim do túnel! Reflexões sobre formação de professores/as de História e afeto

Mariana Amorim

O ensino de História em cursos preparatórios para o ensino superior

Giovanna Santana, Elison Antonio Paim, Jéssica Lícia da Assumpção

ARTIGO

A cultura a partir das teorias do jogo de Johan Huizinga e Roger Caillois: uma análise comparativa com enfoque sobre pontos de inflexão

Leonardo Dias Avanço

APRESENTAÇÃO

Ensino de História em deslocamentos: experiências, saberes e aprendizagens

Arnaldo Martin Szlachta Junior¹

Rosiane Ribeiro Bechler²

Wilian Junior Bonete³

O ensino de História tem se constituído como um campo frutífero em suas relações, seja em termos de práticas de ensino, seja de pesquisa. A palavra *deslocamentos* nos convida a refletir sobre os movimentos de saberes e fazeres da docência no intuito de mobilizar e sensibilizar aprendizagens, reconhecendo a complexidade das relações que se estabelecem na escola, da escola e com a sociedade, e de ambas com temporalidades, territorialidades e sujeitos.

No âmbito das produções aqui apresentadas, destacamos a noção de “lugar de produção”, desenvolvida por Michel de Certeau no ensaio “A operação historiográfica”, publicada inicialmente em 1974. O autor aponta que cada historiador produz o seu trabalho a partir da articulação entre “um lugar social, uma disciplina e uma escrita” (CERTEAU, 2011, p. 46). Nos últimos tempos está cada vez mais evidente que no Brasil está ocorrendo a apropriação das produções em ensino de História pela área da História, destacando o aumento de linhas de pesquisa sobre ensino e aprendizagem da História em Programa de Pós-Graduação *strictu sensu*, bem como o fortalecimento do Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), que agora contará também com o Doutorado.

No Brasil, no alvorecer do milênio, o ensino de História experimentou uma significativa “virada epistêmica” marcada pela chegada das traduções das obras do historiador alemão Jörn Rüsen (2001, 2007a, 2007b, 2012, 2014, 2015). Esse momento foi caracterizado por uma transformação nas abordagens metodológicas e teóricas, redefinindo a maneira como o conhecimento histórico era concebido. As contribuições de Rüsen desempenharam um papel crucial nessa transição, proporcionando novos olhares e perspectivas que repercutiram na produção do conhecimento histórico escolar (SCHMIDT; BARCA; MARTINS, 2010). Rüsen é conhecido por sua abordagem inovadora no campo da Teoria da História,

¹ Professor adjunto da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: arnaldo.szlachta@ufpe.br

² Professora adjunta da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhona e Mucuri (UFVJM). E-mail: rosiane.bechler@ufvjm.edu.br

³ Professor adjunto da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). E-mail: wilian.bonete@ufpel.edu.br

especialmente por sua ênfase na “construção de significados históricos e na importância do papel ativo do sujeito na interpretação do passado através da relação entre a cultura histórica e a consciência histórica” (RÜSEN, 2014 p. 211). Suas ideias influenciaram diretamente a ação do pesquisador, desafiando abordagens tradicionais e destacando a complexidade inerente à produção do conhecimento histórico. A chegada das traduções das obras de Rüsen, no Brasil, representou um marco na renovação dos paradigmas sobre a História ensinada. Sua Teoria da História como uma forma de consciência narrativa e a ênfase na pluralidade de perspectivas históricas trouxeram uma compreensão mais dinâmica e crítica ao ensino da disciplina, pensado a partir da teoria da História.

Rüsen defende a ideia de que o conhecimento histórico é, em si mesmo, uma operação da História, uma construção interpretativa que reflete não apenas o passado, mas também as preocupações e perspectivas do presente (RÜSEN, 2007a). A abordagem de Rüsen rejeita visões simplistas e lineares da História e sua mera reprodução ao que ele chama de “Didática da Cópia” (SCHMIDT; BARCA; MARTINS, 2010), promovendo uma compreensão mais reflexiva e contextualizada. Essa mudança de paradigma influenciou a forma como os historiadores-docentes (MATOS; SENNA, 2011; OLIVEIRA, 2020) abordam a elaboração de currículos, a seleção de fontes históricas e a promoção do pensamento histórico entre os alunos.

O “lugar de produção” do ensino de História na ciência histórica transcende a mera aplicação de métodos do ensino. Trata-se, na verdade, de uma incursão profunda no âmbito da ciência histórica. Ao adotarmos a perspectiva do “lugar de produção” (CERTEAU, 2011), reconhecemos o ensino de História como um espaço de construção de saberes, significados históricos que visam ao desenvolvimento do pensamento histórico dos diferentes sujeitos que compõem a dinâmica da cultura escolar (FORQUIN, 1993), mas que também convergem com as conhecidas práticas da pesquisa histórica.

A abordagem do lugar de produção no ensino de História é fundamentada na compreensão de que a sala de aula não é apenas um local para a transmissão unidirecional de informações, mas sim um ambiente dinâmico onde o conhecimento é construído, questionado e reinterpretado. Nesse contexto, os historiadores-docentes assumem um papel mais próximo ao do historiador-acadêmico, explorando a multiplicidade de fontes, interpretando narrativas e incentivando os alunos a se tornarem agentes e representados ativos na construção do conhecimento histórico.

A virada epistêmica no campo do ensino de História não apenas enfatiza a importância do diálogo entre passado e presente, mas também destaca a História como uma disciplina em constante transformação, como parte dos processos constitutivos daquilo que Rüsen (2015) denomina de cultura histórica. O conhecimen-

to histórico escolar passa a ser visto como uma construção coletiva, moldada pelas interpretações individuais e pelas interações sociais.

A prática dos usos de fontes históricas do ambiente escolar, apesar de produções significativas, tais como as produções clássicas de Circe Bittencourt, Selva Guimarães Fonseca, Maria Auxiliadora Schimidt, Marlene Cainelli e Katia Abud, precisa urgentemente ser desmitificada. Não pode, de forma alguma, ser encarada por professores como um momento ímpar na sala aula, como se fosse um procedimento especial, e conseqüentemente raro na prática escolar. Pois como já discutiu Jacques Le Goff (2014), em seu tão conhecido texto “Documento/Monumento”, um dos principais procedimentos para a análise de um documento histórico é a necessidade de operar uma desconstrução inicial da monumentalidade nele implícita. O uso das fontes pode estar associado a práticas comuns, evidências da indústria cultural ou até mesmo no cotidiano da operacionalização dos livros didáticos, que na grande maioria das vezes trazem excertos de fontes históricas, que devido às pressões do tempo pedagógico não são utilizadas pelos docentes em sala de aula.

Ao integrar o ensino de História com os princípios da ciência histórica, o lugar de produção do campo destaca a importância da pesquisa, da análise crítica e da reflexão como componentes essenciais para a aprendizagem histórica. Tal perspectiva busca instigar os alunos a compreenderem o processo da investigação histórica, avaliarem as diferentes perspectivas e reconhecerem a complexidade inerente ao estudo do passado, as intencionalidades pelos espaços de experiência e os projetos de futuro de cada época (KOSELLECK, 2006).

A noção de “lugar de produção”, como uma abordagem da ciência histórica no âmbito do ensino de História, implica, assim, que há uma mudança paradigmática em curso. Os professores não são meros transmissores de informações, mas facilitadores do pensamento crítico e da construção ativa do conhecimento histórico. Eles auxiliam os alunos na exploração dos métodos historiográficos, incentivando a análise de evidências, a interpretação de fontes e a produção de narrativas históricas informadas. Além disso, ao reconhecer o “lugar de produção” como parte integrante da ciência histórica, os educadores podem inspirar uma apreciação mais profunda da disciplina, fomentando o interesse dos alunos e das alunas pela pesquisa e pelo entendimento contínuo do passado. Assim, o ensino de História não se limita à transferência de conhecimento. Torna-se um processo conjunto no qual professores e alunos colaboram na construção de um entendimento mais rico e contextualizado da experiência humana ao longo do tempo.

O artigo que abre esse dossiê é intitulado “Temas controversos na aula de História: debates sobre mundos dissonantes”, de Rafael Monteiro, Alline de Assis Xavier Maia, Helenice Rocha, e apresenta uma contribuição acerca das repercussões da crise contemporânea na democracia sobre as aulas de História, em especial sobre temas socialmente controversos, nos quais determinados grupos são apresentados

pelos professores aos estudantes como um Outro a ser considerado. Além disso, apresentam dois estudos de caráter etnográfico que contribuem para a reflexão sobre os impactos da abordagem de tais temas em sala de aula a partir de algumas categorias, tais como dialogismo, controvérsia, dissonância cognitiva e viés de confirmação.

Em “O grupo ‘Educação: Holocausto e Direitos Humanos’ no Museu do Holocausto de Curitiba: uma proposta de ensino pela via da autoridade compartilhada”, as autoras Ana Heloisa Molina e Helena Ragusa analisam as possibilidades que o grupo privado “Educação: Holocausto e Direitos Humanos”, presente na rede social Facebook do Museu do Holocausto de Curitiba, oferece para o público ao qual se destina, ou seja, os professores do Ensino Fundamental II, como também os professores do Ensino Médio, ao propor, para diferentes linguagens e narrativas, atividades voltadas para o ensino do Holocausto e seus desdobramentos. As autoras apontam, dentre outras, as discussões sobre a noção de autoridade compartilhada e a noção de uma História Pública capaz de “romper fronteiras”.

Já o autor Luiz Gustavo Mendel Souza, em seu texto “Orunmilá e alegoria da linguagem: por um ensino de História que reconheça os modos de fazer, saber e ser”, realiza uma reflexão teórica sobre uma constatação ocorrida em uma aula ministrada no curso de ensino de História e o seu desdobramento em pesquisa, curso de extensão e de formação continuada. O autor analisa, junto ao corpo discente, a possibilidade de enxergar os negros e as negras presentes nas fontes históricas oitocentistas enquanto sujeitos históricos produtores de formas de fazer, saber e ser.

Já Manuela Areias Costa e Thaiane Sales Brandão, no artigo “Vinte anos da lei 10.639/2003: reflexões sobre os avanços, desafios e impasses para implementação nas escolas públicas de Amambai-MS”, problematizam a implementação da referida lei federal nas escolas, sobretudo nas instituições públicas do município de Amambaí-MS, espaço da pesquisa apresentada. Dentre outras questões, as autoras analisam os Projetos Políticos Pedagógicos das escolas pesquisadas no tocante à temática da diversidade étnico-racial, documentos curriculares nacionais e estaduais bem como entrevistas com docentes das escolas para compreender os saberes e as práticas pedagógicas adotados em sala de aula

No artigo “Saberes em torno da reeducação das relações étnico-raciais: lembranças e reflexões”, os autores Júlio César Virgínio da Costa, Mariane Barbosa da Cruz e Quelle Mariana da Silva Rios apresentam um trabalho que é fruto do projeto de pesquisa “A Lei 10.639/2003: múltiplas possibilidades e perspectivas da prática educativa na Educação Básica para promoção de uma reeducação das relações étnico-raciais” que foi iniciado em 2019 e teve como objeto de estudo o Colégio de Aplicação da UFMG, o Centro Pedagógico e a Festa da Consciência Negra realizada na instituição desde 2012.

Os artigos que compõem esse dossiê demonstram que o panorama contemporâneo do ensino de História é marcado por uma diversidade de abordagens que desafiam e transcendem as práticas tradicionais.

Dentre as contribuições que refletem essa inovação, apresentamos o artigo “Práticas decoloniais e ensino da História: uma experiência no Quilombo Ilha de São Vicente”, assinado por Luziane Laurindo dos Santos, Martha Victor Vieira e Olivia Macedo Miranda de Medeiros. Nesse trabalho, os autores propõem uma análise crítica das práticas de ensino de História que reproduzem processos subalternizadores da colonialidade do poder, buscando alternativas decoloniais a partir de uma releitura do ensino da História local, conduzida pelo projeto “Quilombo um território sagrado em foco: Quilombo Ilha São Vicente”. Os resultados apontam para a relevância do ensino de História local na discussão de questões étnico-raciais, proporcionando uma abordagem inclusiva e diversificada.

Outra investigação provocativa é apresentada no artigo “A consciência histórica pode gerar sentidos/posicionamentos contraditórios?” por Wilian Carlos Cipriani Barom, que problematiza as possíveis contradições e incoerências nas respostas de jovens a questionários baseados em métodos quantitativos, destacando a importância da análise crítica diante das ideias históricas e dos posicionamentos políticos desses jovens.

A autora Márcia Elisa Teté Ramos, em seu estudo “Pode o homem desenvolver-se partindo de um nada histórico, apenas de sua natureza biológica e inata?: Karl Jaspers e a consciência histórica responsável”, examina as contribuições de Karl Jaspers para a consciência histórica e a responsabilidade histórica. Ao explorar as convergências dessas categorias com os fundamentos do existencialismo e da fenomenologia, a autora destaca o papel desses conceitos-chave na compreensão do desenvolvimento humano e da consciência coletiva.

O artigo “O que dizem os alunos? A aprendizagem histórica dos jovens estudantes por meio do siriri em vídeos do YouTube”, de Mariana Destro Marioto e Marcelo Fronza, centra-se na análise da aprendizagem histórica de alunos do 6º ano em contato com vídeos de siriri cuiabano no YouTube. Utilizando o referencial teórico de Jörn Rüsen, o estudo investiga como as danças regionais podem ser significativas no processo de ensino de História, examinando as narrativas históricas construídas pelos alunos em contato com essas fontes.

No contexto dos jogos eletrônicos, o artigo “*Assassin’s Creed Odyssey* e as identidades gregas”, de Ygor Klain Belchior e Felipe Ermida, propõe uma análise das identidades gregas no jogo *Assassin’s Creed Odyssey*. A pesquisa questiona a existência de uma única identidade étnica no jogo, explorando as divisões entre atenienses e espartanos em diferentes níveis, revelando novas perspectivas sobre o passado acessíveis ao público amplo. Na mesma direção temática, o artigo “Ensino de His-

tória e História Antiga: debates e propostas”, de Alex Aparecido da Costa, aborda o papel da História Antiga no ensino de História. O autor destaca a evolução do debate sobre a presença da História Antiga nos currículos, evidenciando esforços para superar tradições eurocêntricas e apresentando propostas relevantes para uma abordagem mais contemporânea e inclusiva dessa área na Educação Básica. Esses trabalhos coletivos refletem a diversidade e a riqueza das investigações atuais no campo do ensino de História.

Na sequência apresentamos um conjunto de textos que atravessam reflexões sobre a formação docente em História e seus diferentes currículos. No texto “Cultura e ideologia nos livros didáticos”, os autores Gisafran Nazareno Mora Jucá e Edvaldo Costa refletem sobre a historiografia didática datada do século XIX e as permanências dessa tradição na constituição atual do saber histórico escolar e seus currículos sobre a História dos povos indígenas e negros no Brasil, por exemplo. Em diálogo com esse tema, Paulo Roberto Souto Maior Júnior e Paulo Dourian Pereira de Carvalho, no texto “Lugares de (in)visibilidade dos homens negros nos livros didáticos de História: uma breve discussão”, analisa, em narrativas atuais da historiografia didática, “ausências e silenciamentos” sobre a História de homens negros e outras que possibilitem, em perspectiva histórica, a problematização de temas como raça e gênero.

Em “Ensinar e aprender História na escola: reflexões a partir da categoria experiência”, Marcus Bomfim e Octavio Pontes apresentam um exercício analítico e reflexivo sobre a mobilização da categoria *experiência* para compreensão dos processos do ensinar e aprender a História em contextos de escolarização. Já Mariana Amorim, no texto “Não há luz no fim do túnel! Reflexões sobre formação de professores/as de História e afeto”, nos convida a romper com compreensões dicotômicas e atentarmos epistemologicamente para as emoções, as sensibilidades e as corporeidades na constituição de uma formação docente compreendida como processo.

Por fim, no texto “O ensino de História em cursos preparatórios para o ensino superior”, Giovanna Santana, Elison Antonio Paim e Jéssica Lícia da Assumpção dedicam-se a analisar as experiências pedagógicas de professores/as dos conhecidos “cursinhos” em sua relação com o ensino de História e a constituição de percursos formativos autônomos nesse contexto.

Desejamos a todos e todas uma ótima leitura!

Referências

- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 2011.
- FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.
- KOSELLECK, Reinhart. Espaço de experiência e horizonte de expectativas. In: KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado – contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p. 311-337.
- LE GOFF, Jacques. **História & Memória**. 7. ed. Campinas: UNICAMP, 2014.
- MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. O historiador-docente entre as práticas e os saberes das políticas de formação continuada. **Anais do GT História Política Anpuh RS – Furg – PUC RS**. Rio Grande, ANPUH RS 2011.
- OLIVEIRA, Thiago Augusto Divardim de. Pressupostos da pesquisa e da formação continuada de historiadores docentes: uma contribuição da Educação Histórica. **Roteiro**, v. 45, 2020.
- RÜSEN, Jörn. **Teoria da História**: uma teoria da história como ciência. Curitiba: Editora da UFPR, 2015.
- RÜSEN, Jörn. **Cultura faz sentido**: orientações entre o ontem e o amanhã. Petrópolis: Vozes, 2014.
- RÜSEN, Jörn. **Aprendizagem histórica**: fundamentos e paradigmas. Curitiba: W. A. Editores, 2012.
- RÜSEN, Jörn. **História viva**: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007a.
- RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do passado**: os princípios da pesquisa histórica. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007b.
- RÜSEN, Jörn. **Razão histórica**: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (orgs). **Jörn Rüsen e o Ensino de História**. Curitiba: Editora da UFPR, 2010.